

# UMA FASE CRÍTICA PARA A ARTILHARIA

D. EDUARDO MUNILLA GOMEZ

Comandante de Artilharia do Exército Espanhol (Revista de las Fuerzas Armadas — Venezuela).

Tradução e adaptação dos Ten.-Cel. CÉSAR NEVES e Major HERACLIDES DE ARAÚJO NELSON.

## I — GENERALIDADES



Em qualquer combate ofensivo, além das fases já congradadas e regulamentadas (para um melhor estudo), podem ser apreciadas três etapas:

os seus materiais, tanto para adiantá-los como para retardá-los, se impõem verdadeiras situações críticas para a mesma, em nenhuma delas se faz sentir tão intensamente em seu conjunto como durante a Aproximação.

A Aproximação no combate ofensivo foi mal estudada na primeira guerra mundial, de vez que foi o combate defensivo o que pareceu sair vitorioso, o que influiu consideravelmente nas diferentes doutrinas do após guerra, especialmente na França. Na segunda Guerra Mundial, já não permaneceu circunscrita ao início das operações mas estendeu-se também a inúmeros casos. Se recordarmos o ocorrido na Coréia, no primeiro ano de guerra, vemos também, como as situações fugazes têm sido frequentes, e em todas elas, qualquer unidade que se aproxima do combate ou perde o contacto, tem que acudir por força a ela.

Hoje podemos dizer que a Aproximação se efetuará nos seguintes casos:

— Início das hostilidades;

— Ruptura da frente pelo inimigo, especialmente quando êle dispuser de inúmeros elementos mecanizados, pelo que será necessário recorrer a dispositivos que permitam não ser surpreendidos pelos menos;

— Quando as grandes frentes em que se combate e os reduzidos efetivos que se dispõe em relação a

— a Preliminar, desde o momento em que se inicia a marcha até o instante em que se verifica o contacto com o inimigo (que engloba a aproximação e o contacto);

— a Intermediária (o ataque propriamente dito);

— a Final (primeiro o Aproveitamento do êxito e depois a Perseguição).

De todas elas não pode faltar a segunda que é, sem dúvida, a fundamental, como meio de chegar à terceira etapa, o objetivo mais importante de qualquer combate ofensivo a partir da hora em que começa a ser planejado. É a primeira, particularmente a aproximação, a que por ser a menos comum torna-se mais difícil para a Artilharia.

É nela em que os conhecimentos táticos do artilheiro têm que ser da melhor qualidade; onde de forma mais rápida e acertada terá que pô-los em ação e também as regras terão de ser forçosamente menos rígidas.

Se em qualquer das ações em que a Artilharia além de manobrar com seus fogos o deve fazer com



grande extensão do território não permitem fazer pensar em obter, de modo contínuo, o estabelecimento de linhas sólidas, com uma certa duração, e êste é o caso da maioria dos países sul-americanos.

Em síntese, podemos dizer que as situações em que se terá de empregar-las são atualmente mais frequentes do que dantes, uma vez que a aviação e as unidades móveis blindadas do inimigo não permitem considerar a distância nas frentes de combate como condição suficiente para julgar-nos seguros. Hoje, mais do que nunca, devemos ter presente que "o inesperado ocorre sempre, e o inesperado o militar deve sempre ter previsto".

Grande parte do êxito com que se verifique esta aproximação há de repousar na rapidez compatível com uma adequada segurança.

Esta rapidez deve ser igual para todos os elementos, porque se não combinarmos de forma que sejam equívocos, de nada serve que uns elementos o sejam e outros o não sejam, pois, teremos que lutar sempre com a inércia das tropas para se porem em marcha.

Para conseguir vencer esta inércia em menos tempo, não há como ter chefes que sejam capazes de imprimir uma forte impulsão, como também possuir um melhor treinamento da realização de tais marchas.

É comum encontrarem-se chefes decididos e com uma pronta compreensão dos problemas e dos incidentes do combate, com os quais se deve contar nestes casos; sem dúvida acontece faltar a correspondente prática na realização das missões de aproximação, às quais acontece estar sempre pouco acostumada a Artilharia, habituada como geralmente está, a realizar o seu treinamento no plano técnico. Recusa-se a tomar parte em marchas, se sabe realizar tiros precisos tal como convém ao ataque ou à defesa, porém na prática verifica-se que em todos os Exércitos falta o treinamento nessas duas situações tão transcendentes como são: a aproximação e a retirada, apesar de que estas ações terão uma im-

portância decisiva no desenvolvimento ulterior das operações.

A razão disto é que a realização de uma marcha de aproximação exige muito tempo, e ao fazer-se terá que ser forçosamente interrompida, súbitamente, na maioria das vezes, antes de ser terminado o primeiro lance, por culpa dessas limitações no tempo, que tornam difícil a efetivação e o regresso aos quartéis, dentro do número de horas disponíveis para a instrução, especialmente quando se trata de unidades que não são motorizadas.

Também influi nisto que para se tornarem verdadeiramente proveitosas e não descambarem numa marcha comum e corrente, é preciso que a Artilharia atue colaborando com a Infantaria, e êsses exercícios se vêm sempre limitados em número, e dada a sua raridade procura-se aproveitá-los para as fases intermediárias do combate ofensivo.

Por tudo o que foi dito e pela pequena importância que se tem dado ultimamente a esta fase preliminar, que está inteiramente ligada à guerra de movimento e às suas possibilidades; eis a razão pela qual nos preliminares nós omitimos quase sempre, e a falta de treinamento nestes casos acontece ser fatal na hora de atuar. E se assim ocorre no que concerne ao ato aos preceitos táticos que regem, fácil será de compreender e de ver que muito raro possa ser executada com perfeição.

Segundo o General Martinez Campos "Marcha de Aproximação" é *defensiva em movimento*. Sua impulsão se obtém com a Infantaria ou com os carros.

Baseia-se, aquela marcha, na execução de uma série de lances durante os quais o meio que se impulsiona e se desloca está sob constante amparo do meio que protege; e, claro está que tais lances terão um limite bem grande cada vez que, por imposição da velocidade (no caso de unidades mecanizadas) ou por questão de continuidade (se a impulsão é grande), as marchas se distanciem devidamente.

Em nenhuma fase é tão importante que o conjunto tenha uma



grande flexibilidade. No militar como no atleta quanto maiores forem os saltos que tenha de dar mais importância tem — sejam as pernas ou as pernas — que estejam bem flexionadas para que o choque se dê com flexibilidade e não se transforme em pernas ou cabeças quebradas.

Da idéia desta flexibilidade é conhecida a semelhança da marcha da lagarta que se não deve limitar às simples contrações e distensões dos mencionados animais, mas que apurando-a deve-se reparar que a lagarta depois de se contrair, levanta a cabeça em tôdas as direções como se antes de se distender de novo para a frente quizesse esquadrihar o seu limitado horizonte. Da mesma maneira, fundamental na aproximação, a boa observação, em cuja qualidade há de se apoiar a segurança das tropas que marcham.

Quando o General Patton aconselhava às suas unidades que avançassem sem se preocuparem com os seus flancos que o inimigo já se preocupava com êles, não enunciava paradoxo algum, pôsto que êle não dizia que a sua própria aviação se encarregava de avisar-lhe em tempo, a presença das unidades inimigas. E era com a segurança dessa observação, que êle podia despreocupar-se, momentaneamente, dos seus flancos e lançar-se em profundidade.

Sempre que se dispuser de uma observação adequada e flanco-guardas apropriadas será possível que ganhem em velocidade as unidades que marcharem nesta fase.

O cego ou aquêle que caminha numa região às escuras, tem que ir tateando tudo e andando com muita precaução a qual é desnecessária para quem vê com clareza tudo o que encontra pela frente.

Apesar de ser clara a imagem da lagarta, a que pareceu mais acertada, no momento atual, sobretudo quando se trata de formações motorizadas ou mecanizadas, é a de compará-la a um guarda-chuva que na progressão vai um tanto fechado, porém quando encontra alguma resistência tem a tendência a se abrir e que volta a fechar-se quando esta

resistência é dominada, para conseguir ir novamente depressa.

Isto é, para as tropas em seu avanço não se pode prescindir da sua aerodinâmica, uma vez que se adotam formas amplas na frente e compactas na quantidade, quando fôr necessário oferecer resistência e não importa tanto a velocidade; quanto à segurança, empregam-se as formas mais estreitas e alongadas quanto querem aumentar a velocidade.

E para terminar com estas considerações gerais bom será recordar que nesta fase a Artilharia, da mesma maneira que as demais Armas, deve subordinar tudo à sua segurança, evitando tornar-se vulnerável, pois de nada serve ir depressa se as tropas chegam moral e fisicamente em más condições para combater, o que é tão frequente nos terrenos montanhosos, quando os acíves são fortes, ou nos casos em que a má qualidade das estradas torne a marcha difícil.

As prescrições anteriores deverão ser observadas ao máximo quando se entra no alcance da artilharia inimiga, que estando em condições de poder realizar tiros sobre pontos de passagem obrigatória, tem possibilidade de causar muito mais danos às formações que se apresentarem em formação compacta e incautamente. E para evitar ser destruída nas primeiras mudanças de posição, convém levar apenas os elementos indispensáveis, escalonando-os de acôrdo com o modo pelo qual devam entrar em posição.

## II — A ARTILHARIA NA APROXIMAÇÃO

Uma circunstância influi extraordinariamente na atuação da Artilharia durante a aproximação: é a dificuldade para um pronto renúnciamento sobre tudo quando se marcha em terrenos difíceis. Em consequência, deve-se procurar economizar ao máximo a munição e o consumo que da mesma deve ser reduzido ao indispensável à regulação do tiro para entrar na eficácia desde os primeiros momentos. As Unidades a serem apoiadas devem ter isto bem presente e não



fazer pedidos de fogos para os objetivos que possam bater eficazmente com as próprias armas de acompanhamento.

Aqui acontece o mesmo que com a uma pessoa que saindo de casa com uma razoável quantia de dinheiro, realiza uma viagem que não sabe quanto tempo vai durar, e começa a comprar, sem tino nem tento, quinquilharias e pequenas coisas que lhe vão dissipando o seu cabedal. Chegará a ocasião em que se verá em mais de um apuro, terá que parar em um hotel enquanto não lhe chega uma nova remessa de dinheiro, terá que passar pelo dissabor de alguma conta sem pagar, e até é possível que se lhe apresentem ocasiões de novas aquisições vantajosas, que desta forma se perdem. Assim, também, apuros, paradas e pedidos urgentes não serão raros nas colunas que malbaratarem seus cabedais de artilharia.

Outra circunstância ocorre nos países onde temos abundantes terrenos nos quais o automóvel tem que marchar exclusivamente por estradas, ainda que seja do tipo "qualquer terreno", o que nos obriga a empregar a artilharia de dorso, como é o caso nas regiões montanhosas ou dos caminhos estreitos.

Em tais casos a Artilharia torna-se pouco apta para acompanhar as colunas, não tanto pela sua velocidade, quanto pela sua falta de capacidade para alcançar novamente a coluna, se começar a realizar frequentes entradas em posição. Razão esta pela qual a Artilharia deverá reagir em ocupar posição quando não for de real necessidade, pois se as suas paradas forem frequentes, a Infantaria pode ver-se privada dos seus fogos durante espaços de tempo mais ou menos longos. Portanto, a Artilharia seguirá na coluna até que o valor das resistências encontradas obriguem ao desdobramento, na forma que mais adiante será indicada.

Como as resistências podem surgir de maneira inopinada, será necessário que o tempo que se perde em efetuar os primeiros tiros, a partir do momento em que a re-

sistência se manifestou, seja reduzida ao mínimo.

A fim de que esta rapidez seja a maior possível, é necessário que tenham sido previstas, para todas as ocasiões, posições e observatórios e, até, que se tenham preparados os tiros sobre os diferentes objetivos aonde se presume possam apresentar-se resistências. A escolha dos observatórios, que é o fundamental nesta fase, obrigará a que as posições se subordinem a eles e tenham que se situar nas suas proximidades com a finalidade de simplificar ao máximo todos os problemas de comunicações. A missão de ir reconhecer tais posições e observatórios será atribuída aos Destacamentos de Reconhecimento.

Os Destacamentos de Reconhecimento, de composição variável, são dotados de aparelhos topográficos e de observação e às vezes podem levar algum equipamento destinado à construção de um pequeno circuito telefônico. Estes Destacamentos seguem com as vanguardas, marchando a uns 500 metros dos seus elementos mais avançados, com a missão de reconhecer os itinerários a serem percorridos e ir estudando as diferentes posições que poderão ser ocupadas pela Artilharia; posições estas que deverão estar distanciadas, sucessivamente, umas das outras, de um par de quilômetros e, próximas das estradas para que a ocupação seja quase imediata, permitindo, também, pela sua situação central dominante e avançada, bater as estradas de acesso ao adversário e as suas posições chaves.

O fato de não se poder deixar, em momento algum, sem apoio a Infantaria, poderá levar a organizar a Artilharia em dois escalões; dois escalões que aparecem em quase todas as fases da Artilharia.

De particular interesse é que exista, nesta fase, uma ligação efetiva entre a Artilharia e a Infantaria. As Turmas de Ligação da Artilharia serão destacadas para junto da unidade apoiada, no caso de não ser possível, como parece o mais lógico e desejável, que exista a justa-posição de postos de comando.



Para esta ligação nós os artilheiros devemos contribuir com todos os nossos meios; e que também os Comandos das Unidades de Artilharia sigam sempre o mais a frente possível será a melhor forma para que se leve a bom termo.

O Artilheiro, na maioria dos casos, não deve esperar que lhe seja feito o pedido de fogo, pois em seu espírito deve ir prescrutando e até buscando com ansiedade a ocasião de poder oferecer os seus fogos, em condição de oportunidade e de eficácia.

Muitas vezes, embora em seu espírito compreenda que não deve desdobrar e o faça de modo suave, se julgar que com o apoio dos seus fogos pode contribuir para a solução de uma situação, o fará com todo o interesse e entusiasmo que lhe merece a empresa. O infante que está alheio nestes momentos aos diferentes problemas de toda a natureza que se apresentam ao artilheiro, se impacientará; por isso, devemos treinar as nossas unidades para que se desdobrem rapidamente os nossos Estados-Maiores, para que proporcionem os dados de tiro num instante. A coisa não é sempre simples, porém é necessário ganhar alguns minutos, ainda que sejam apenas segundos. De que servirão os nossos fogos se chegarem tarde demais? Se não houver um verdadeiro entusiasmo a esta idéia de proporcionar fogos eficazes rapidamente, podemos dizer que deixamos de cumprir um dos nossos principais deveres. *"Apoiar a Infantaria acima de todas as coisas"*.

### III — A ARTILHARIA NA VANGUARDA

Até agora temos nos referido às características gerais da Artilharia nesta fase; para completar os seus estudos, forçoso será penetrar mais no problema, de limitar atribuições e passar ao estudo em separado da Artilharia de Vanguarda e a do grosso; cuidaremos com particular interesse da primeira, por ser a que tem uma atuação mais decisiva e por ser a na qual se pode encontrar um maior número de dificuldades.

A não estarem as vanguardas em condições de serem apoiadas pelo grosso no devido tempo, é necessário, sempre que fôr possível, atribuir Artilharia às Unidades que vão na mesma, dependendo sempre este número da força que a compoñha e da missão que lhe cabe, estando também relacionada com as dificuldades do terreno em que se desloca, uma vez que nas montanhas e nos terrenos difíceis as vanguardas terão de ser sempre mais potentes, pela necessidade de que solucionem elas mesmas seus próprios problemas, uma vez que a chegada do grosso se retarda sempre de muito.

Os primeiros combates não precisam da concentração de muitos fogos, por não exigí-los assim a natureza dos objetivos. As vanguardas no máximo devem ser atribuídos um ou mais grupos. O Grupo tem a vantagem de poder dividir-se em dois escalões (um de duas Baterias e o outro de uma), de forma que possam escalar alternadamente uma fração ocupando as linhas ímpares e a outra as pares, até que ao chegar ao contacto se reunam em uma só.

Na hora de dosar a quantidade de Artilharia a enviar com a vanguarda, o terreno é que vai decidir, pois se as possibilidades logísticas das estradas forem reduzidas ao enviar muita artilharia pode ser muito embaraçoso, e até quase contraproducente.

Aqui se passa o mesmo com o leite, que é muito bom, e pode fortalecer e restaurar, porém ninguém tem dúvida de que a vaca fica muito contente e satisfeita quando se vê privada dele. Um úbere cheio é muito dolorido, e, afinal, impede o movimento. Procuremos não encher demasiadamente os úberes das vanguardas.

Quando à noite ou por qualquer outra circunstância, a Artilharia não segue com a vanguarda, será sempre recomendável que marche com ela uma Secção de reconhecimento, devendo além da missão que anteriormente lhe foi atribuída, a missão de ligação em condições de prevenir o grupo, que se deslocar



com o grosso, sobre qualquer contingência que se possa apresentar, e também qual a melhor maneira de atender à mesma, e em condições de a qualquer momento poder informar ao Comandante da Vanguarda a respeito das possibilidades da Artilharia, em cada caso.

Que espécie de Artilharia devemos atribuir a esta Vanguarda? Nos itinerários que dispõem de boas estradas poderão ser empregadas Baterias Motorizadas e até Seções das mesmas, que nas vanguardas podem desempenhar um excelente papel, como o fizeram os alemães na Campanha dos Balkans. Precisamente este tipo de material, é nestas fases de movimento que tem uma verdadeira utilização pois por querer fazer dêle um emprêgo quase geral, o problema varia notavelmente e se expõe a mais de um fracasso, como foi o caso de várias ações dos aliados na campanha da Itália. Sua velocidade e as possibilidades de atuação em pontaria direta podem permitir resolver de maneira imediata pequenas resistências que se possam apresentar na progressão. Sua pronta intervenção, faz com que se possa assimilar a sua forma de atuação a dos touros bravios que investem furiosos contra o pano vermelho, que para eles representa qualquer objetivo que resista ou moleste a Infantaria; tendo como contra-parada o grande perigo de cair sob a punção de uma "Bazooka", de um engenho anticarro ou da própria artilharia inimiga.

Será à artilharia motorizada e dentro dela aos pequenos calibres, uma vez que interessa mais a velocidade do fogo que a potência, sobre quem recairá normalmente a missão de acompanhar as vanguardas, por sua pronta entrada e saída em posição e pelas possibilidades de alcançar as colunas.

Porém, serão muitas as ocasiões em que, em terrenos difíceis e falhos de estradas adequadas, ter-se-á que recorrer à Artilharia de Dorso, que na Itália tanto deixaram em falta os aliados. Se a mecanizada cumpriu o papel de touro, esta acompanhando a Infantaria nos seus

movimentos, em seus desconfortos e nos seus perigos, se comporta como um cão fiel, que a acompanha e a protege em qualquer situação embaraçosa na qual se possa haver comprometido, e que, se não lhe falta olfato, até o poderá prever. Em todos os momentos e circunstâncias terá que atuar com decisão e acerto como um fiel mastim, como um irascível "Fox-terrier" ou como um inofensivo.

Quanto ao lugar que a Artilharia deve ocupar dentro da Vanguarda, não se pode estabelecer uma regra geral, uma vez que dependerá substancialmente do tempo que possam tardar em desdobrar em apoio à mesma, além do que este tempo varia com os três fatores: terreno, inimigo e meio de tração que a Artilharia utilize. Últimamente pode-se dizer que quanto menor for a velocidade da Artilharia tanto mais possibilidades haverá de encontrar com o inimigo, e quanto maiores dificuldades ofereça o terreno para o desdobramento, mais à testa da coluna deverá marchar a Artilharia de apoio às vanguardas.

#### IV — A ARTILHARIA NO GROSSO

A Artilharia que marcha com o grosso, não acontece tropeçar com as mesmas dificuldades que a da vanguarda, razão pela qual é pouco o que dela devemos acrescentar ao que já foi dito.

Dentro do grosso se organizarão com freqüência colunas mistas de modo que se possam separar as diferentes colunas quando necessário. A Artilharia irá na testa do grosso, a fim de que a sua intervenção seja caracterizada pela rapidez, uma vez que o seu desdobramento e preparativos são sempre mais lentos do que os restantes elementos do grosso.

Sendo normalmente a Artilharia a parte mais vulnerável do grosso, para reduzir a profundidade ocupada pela mesma evitando surpresas e para dar uma maior flexibilidade ao conjunto, as baterias de ordinário irão separadas nos seus segundos escalões (precaução fundamental da Artilharia de Montanha).



É necessário tornar extensivo ao grosso o que já foi dito quanto a um moderado consumo de munições, que somente serão utilizadas quando forem realmente necessárias. Dado que a missão principal deve ser facilitar a progressão da própria Infantaria, temos de dar ordem de prioridade dos objetivos da seguinte maneira:

— Elementos mais avançados de fogo da Infantaria inimiga;

— Unidade de Artilharia inimiga que façam um fogo mais certo sobre a nossa Infantaria;

— Fôrças do inimigo em movimento que se apresentem a distâncias de fogo eficaz.

A ligação Artilharia-Infantaria não se poderá perder nem um instante sequer, especialmente quando se aproximar o contacto com o inimigo. Neste momento verifica-se por meio de uma série de relâmpagos e de descargas entre os nossos elementos ofensivos e os do inimigo, um intercâmbio de faixas que são o augúrio da tormenta que se avizinha.

## RELAÇÃO DE LIVROS À VENDA NESTA REDAÇÃO

	Cr\$
As Repúblicas Hespanos S. Americanas — Major Ayrton S. Freitas.....	20,00
As Condições Geográficas — General Mario Travassos.....	10,00
As Manobras de Nioac — General Bertoldo Klinger.....	5,00
Aspecto Geográfico Sul Americano — General Mario Travassos	10,00
Algumas Coisas da Rússia — Coronel J.B. Magalhães.....	12,00
A Compreensão da Guerra — Coronel J.B. Magalhães.....	30,00
A Linha de Fogo na Guerra — Capitão Germano Seidl Vidal..	6,00
A Batalha de Roma — Capitão Geraldo de Menezes Côrtes....	18,00
A Batalha do Monte das Tabocas — Coronel J.B. Magalhães..	12,00
A Guerra de Sucessão — Artur Carnauba.....	5,00
Artilharia de Dorso — Capitão Otavio A. Velho.....	15,00
As Transmissões no Reg. Sampaio — M.F. Castelo Branco...	15,00
Abreviaturas M.N. Americanas — Capitão Otavio Alves Velho	5,00
A Fôrça Mecanizada — Silvio do Amaral.....	60,00
Bateria de Acumuladores — Archimedes P. de Oliveira.....	15,00
Balística Externa — Coronel Morgado da Hora.....	60,00
Crônicas de Guerra — Coronel Olivio G. de Uzeda.....	30,00
Cartilha da Mocidade — Coronel Micaldas Correia.....	8,00
Contribuição para a Guerra Brasil B. Aires — General Bertoldo Klinger.....	6,00
Centralização do Tiro — Breno B. Fortes.....	6,00
Do Recôncavo aos Guararapes — Major Antônio S. Junior....	50,00
Dêm Estádios ao Exército — Coronel Jair J. Ramos.....	30,00
Ensaio Sobre a Informa na Guerra — Coronel José Horácio Garcia.....	15,00
Estudos dos Morteiros — Capitão Gustavo Lisbôa Braga.....	7,00
Estratégia dos Terros — Coronel J.B. Magalhães.....	15,00
Fichário dos Instrutores de Ed. Física — Coronel Jair Jordão Ramos.....	20,00



	Cr\$
Formulário do Contador — Capitão José Sales.....	5,00
História do Brasil no Reg. Colonial — Major A.A. Souza Ferreira.....	20,00
História Militar Geral — General Pedro Cordolino.....	300,00
Intendência em Campanha — Major José Sales.....	35,00
Instrução na Cavalaria — Coronel José Horacio Garcia.....	5,00
Inst. e Observação nos Corpos de Tropa — Coronel Armando B. Gonçalves.....	9,00
Instrução de Morteiros — Major Euro L. Martins.....	8,00
Informações Militares — Coronel Idalio Sardenberg.....	45,00
Instrução Militar Moderna.....	45,00
Justiça Militar — Coronel Niso de Viana Montezuma.....	20,00
Lança-Rojão — Capitão Gustavo Lisboa Braga.....	7,00
Metralhadora P.50 — Capitão Gustavo L. Braga.....	20,00
Metralhadora P.30 — Capitão L. Braga.....	20,00
Morteiro de Gutemberg.....	10,00
Manual de Socorrista de Guerra — Raul Briquet.....	20,00
Monumentos Nacionais. Sta. Cat. e Sergipe — Coronel J.B. Matos.....	25,00
Noções Elementares do Tráfego — Coronel Mourão Filho.....	10,00
Noções de Eletricidade — Capitão José M. Oliveira.....	30,00
Noções Topografia Campanha — General Paes de Andrade....	12,00
Narrativas auto biográficas — General Bertoldo Klinger.....	25,00
Ortografia Simplificada — General Bertoldo Klinger.....	20,00
O Exército Alemão — Tradução do Coronel Leony O. Machado	25,00
O Fenômeno Militar Russo — Coronel J.B. Magalhães.....	30,00
O Serviço de Informações e Transmissões — Major Geraldo M. Côrtes.....	11,00
Probabilidade e Dispersão do Tiro — Coronel Morgado da Hora	60,00
Psicologia de Aprendizagem — Prof. Lourenço Filho.....	5,00
Patrulhas Mecanizadas — Capitão Calderari.....	5,00
Palavras à Juventude — Prof. Daltro Santos.....	25,00
Síntese de Estudo, História e Geografia — Major Peixoto.....	15,00
Tática de Infantaria nos Peq. Escalões — Coronel José Horácio Garcia.....	15,00
Travessia de Cursos Dágua — Coronel José Horacio Garcia....	7,00
Transferido Militar — Carlós Morim.....	25,00
R.P.I.Q.T.....	10,00
O Tiro de Grupo nas Int. Rápidas — Breno B. Fortes.....	6,00
A FEB pelo seu Cmt. — Marechal Mascarenhas de Moraes....	60,00
Lei Movimento de Quadros — Major Heraclides Araujo Nelson	20,00
Lei do Serviço Militar — Major Heraclides Araujo Nelson.....	30,00
Topografia Militar — Coronel Olivio G. de Uzeda.....	120,00
R/2.....	8,00
Código de Vencimentos e Vantagens — Capitão I.E. Antonio F.L. Pinheiro.....	50,00
Problemas do Brasil — Coronel Adalardo Fialho.....	30,00